

**RESILIÊNCIA COMO DEFORMAÇÃO: UM CONCEITO FILOSÓFICO? ARQUITETURA,
URBANISMO, PSICOLOGIA E MÁQUINAS DESEJANTES**

***RESILIENCE AS DEFORMATION: A PHILOSOPHICAL CONCEPT? ARCHITECTURE,
URBANISM, PSYCHOLOGY AND DESIRING MACHINES***

**RESILIENCIA COMO DEFORMACIÓN: UN CONCEPTO FILOSÓFICO? ARQUITECTURA,
URBANISMO, PSICOLOGIA Y MAQUINAS DESEANTES**

Miguel Delanoy Polidori
Miguel.polidori@gmail.com

Anne Stone
stoneanne@live.com

José Ricardo Kreutz
jrkreutz@gmail.com

RESUMO

O presente artigo procura discutir a ideia de resiliência, um conceito amplo que pode transitar por muitos territórios, como a física e a psicologia, e que, por esse motivo, nos impõe filosofar. Propomos, então, um diálogo entre a psicologia, a arquitetura e o urbanismo a fim de problematizar e refletir sobre a atuação social dessas áreas, buscando possíveis relações com o termo “resiliência”. Para isso, utilizamos conceitos de alguns teóricos da psicanálise, da filosofia da diferença, da arquitetura e do urbanismo. Por fim, apresentamos alguns novos componentes do conceito de resiliência, tentando aproximá-lo mais da ideia de processos de criação (características imanentes aos encontros) que, antes de tudo, *deformam* os corpos, do que em relação a um uso pautado na individualização, que toma por base corpos normatizados pelo próprio uso do conceito.

Palavras-chave: Resiliência, deformação, encontros, filosofia da diferença, máquinas desejantes.

ABSTRACT

This work seeks to discuss the idea of resilience, a broad concept that can travel through many territories, such as physics and psychology, which pushes us to philosophize. Thus, we propose a dialogue between psychology, architecture and urbanism, in order to problematize and reflect on the social performance of these areas, seeking possible relationships with the term “resilience”. To this end, we use concepts of psychoanalysis, philosophy of difference, architecture and urbanism theorists. In the end, we present some new concept of resilience components. The purpose is to bring it closer to the idea of creation processes (characteristics immanent to encounters), which, first of all, *deform* the bodies, than to an use based on individualization, from bodies standardized by the very use of the concept.

Keywords: resilience, deformation, encounters, philosophy of difference, desiring-machines.

RESUMEN

El presente artículo busca discutir la idea de resiliencia, un concepto amplio que puede transitar por muchos territorios, como la física y la psicología y que, por ese motivo, nos impone filosofar. Proponemos así, un diálogo entre la psicología, la arquitectura y el urbanismo con fines de problematizar y reflexionar sobre la actuación social de estas áreas, buscando posibles relaciones con el término “resiliencia”. Para esto, utilizamos conceptos de algunos teóricos de psicoanálisis, de filosofía de la diferencia, de la arquitectura y del urbanismo. Por fin, presentamos algunos nuevos componentes del concepto de resiliencia, intentando acercarlo más de la idea de procesos creativos (características inmanentes a los encuentros) que, antes de todo, *deforman* los cuerpos, do que de un uso pautado en la individualización, a partir de cuerpos estandarizados por el propio uso del concepto.

Palabras clave: Resiliencia, deformación, encuentros, filosofía de la diferencia, máquinas deseantes.

1. CONTEXTUALIZANDO A PROBLEMÁTICA

Qual é a proveniência da nossa existência? Como nos tornamos aquilo que somos? Essa parece ser uma das problemáticas enfrentadas no campo na psicologia na tentativa, tão complexa, de apreensão dos processos de subjetivação. Partimos da ideia de um sujeito independente e descolado do mundo externo? Partimos da ideia de um sujeito social? Ou, então, mais do que isso: a quem ou a quem vale a distinção entre sujeito e social? Como relacionar tudo isso à ideia de resiliência? Como o território da arquitetura e do urbanismo parece estabelecer relação com esses questionamentos? Como método para responder a estes problemas filosóficos, faremos uma revisão conceitual investindo em autores da psicanálise, da filosofia da diferença, da arquitetura e do urbanismo, utilizando, especialmente, conceitos como encontros, máquinas, desejo, resiliência. A divisão da estrutura deste texto busca seguir a ordem das perguntas.

2. QUAL É A PROVENIÊNCIA DA NOSSA EXISTÊNCIA? OS ENCONTROS

A ideia de encontro pode dar-nos um ponto de partida para pensarmos nesta questão. É no encontro que se dão as possibilidades de existência. Pelo menos é o que nos orienta a teoria psicanalítica. Laplanche (1988) lembra-nos que, desde o início da vida, estamos fadados ao encontro. Isso porque, diferentemente de outras espécies, o ser humano vê-se, desde o nascimento, dependente de uma relação para sobreviver; desprovido de montagens adaptativas e instintuais; ainda passivo diante da infinidade de mensagens que lhe são direcionadas, que excedem suas capacidades de apreensão e controle (Laplanche, 1988). É necessário que haja encontros para que as possibilidades de existência se ampliem, se complexifiquem. Mas estamos falando de que tipo de encontros? Encontros entre um adulto e um recém-nascido? Sim, mas não somente, pois nos referimos também aos encontros adulto-casa, criança-casa, adulto-cidade, criança-escola, criança-tia, criança-avô, adulto-casa-cidade-avô... Complexidades de encontros que beiram o caótico; mas que, nem por isso, tornam-se inapreensíveis.

Deleuze (2002), ao tratar da ética de Espinosa, atenta-nos sobre as consequências que os encontros são capazes de gerar. Quando esses corpos¹ (criança, casa, avô, escola,

¹ Quando decidimos refletir acerca da ideia de “corpo”, temos como premissa a ideia de Deleuze, ao considerar que o pensamento diz respeito a um estilo criador, que não atua sobre essências universais, sobre representações estanques (Mauricio & Manguiera, 2011). Quer dizer, ao permitir o processo de pensar sobre

cidade,...) se encontram, um, imprescindivelmente, afetar o outro, podendo aumentar ou diminuir as potências de existir no mundo. Em todo lugar, a todo instante, os encontros entre os diversos corpos estão acontecendo. Nesse sentido, os encontros são fenômenos que não necessariamente preservam as propriedades dos corpos vivos e não vivos, pois sempre geram efeitos de composição e decomposição da vida. Os encontros têm como efeito a transformação, além da possibilidade de existência. Tiramos, daí, um importante ponto de partida: a observação de que a existência só se dá enquanto transformação.

Estamos falando, portanto, de uma perspectiva que se lança ao vaivém incessante entre os fatores complexos e caóticos (Guattari, 1992, pág. 110) desses encontros. Em um primeiro momento, pode parecer que os encontros se dão por uma espécie de cadeia significativa arbórea e hierárquica (de adulto-criança a adulto-criança-família-casa-escola-cidade e assim por diante). Entretanto, não os pensaremos assim, como caminhos de “mão-única”, mas, sim, como encontros que coexistem num *folheado de espaços heterogêneos* (Guattari, 1992, pág. 136) e que produzem subjetividades, existindo entre espaços materiais, os quais também possuem subjetividades próprias. Parece estranho falar de subjetividade própria para coisas materiais, mas, por trás da proposta de Deleuze e Guattari (1972), a subjetividade é indicada como algo incessantemente modificado, deslocado, metamorfoseado por *máquinas*, as quais são emissoras e captadoras de fluxos das mais infinitas e variadas naturezas. Cabe, então, pensarmos um pouco mais atentamente sobre as *máquinas desejanter*.

3. COMO NOS TORNAMOS AQUILO QUE SOMOS? AS MÁQUINAS DESEJANTES

As máquinas propostas inicialmente pelos autores Deleuze e Guattari (1972) estão em toda a parte e implicam movimento. São as máquinas do outro e as nossas máquinas, que se apresentam às vezes lentas, às vezes funcionando sem parar, em cada encontro. São máquinas que não só representam o funcionamento da humanidade e da natureza, mas que também o produzem (Sanches, 2008, pág. 36). E “é assim que todos somos *bricoleurs*, cada um com as suas pequenas máquinas.” (Deleuze & Guattari, 1972, pág. 11). Logo, não estamos falando somente de máquinas puramente mecânicas, mas também

estes encontros, queremos incitar a criação, a ressignificação da imagem dos corpos no pensamento: o corpo criança, o corpo cidade, ambos como corpos vivos.

de máquinas humanas, e, como veremos, máquinas que podem ser muito mais do que humanas.

Quando falamos nesses movimentos maquínicos, a dicotomia feita entre sujeito e social deixa de fazer sentido. Assim, entram em jogo os fluxos maquínicos, que, em função de determinados agenciamentos, permitem encontros de diferentes qualidades e naturezas. Aqui, podemos falar, conforme sugeriu Guattari (1992), de um edifício que não assume somente formas materiais, mas também dimensões maquínicas sociais, políticas, raciais, desejanças, semióticas, capitalísticas, dentre outras. Neste momento da nossa discussão, já podemos indicar a intensa implicação e responsabilidade ético-política da arquitetura, do urbanismo e da psicologia enquanto territórios que não podem ser isolados, desresponsabilizados socialmente, mesmo que se tente recusar tal condição. Um edifício, por exemplo, não é só um edifício, mas um edifício emaranhado por multiplicidades que lhe conferem possibilidade de existência e de sentidos. Para tentarmos ilustrar essa ideia, citamos uma cena descrita por Guattari:

“[...] quando entramos em certas escolas primárias, sentimos uma angústia que transnuda das paredes, fator de subjetivação parcial que se integra à “paisagem” vivida em cada estudante e de cada professor.” (Guattari, 1992, pág. 143).

Guattari, ao tratar das cidades, descreve-as como “imensas máquinas – *megamáquinas*, para citar uma expressão de Lewis Mumford – produtoras de subjetividade individual e coletiva” (Guattari, 1992, pág. 152). Rocha (2010), em território transversalizado na arquitetura e urbanismo, pensa a Arquitetura do abandono, ilustrando-nos justamente esse tipo de relação heterogênea maquínica entre o sujeito e as edificações abandonadas, as ruínas, os restos. Mas nada de dualismos. Nada de observador e observado. Através de uma cartografia sentimental, ferramenta proposta pela psicanalista e psicóloga social Suely Rolnik com o propósito de que a pesquisa seja um processo de encharcar-se nas formações do desejo no campo social (Rolnik, 2016), o autor apresenta-nos a complexidade das dimensões maquínicas do desejo, da arquitetura, da cidade, da política, e, principalmente, do abandono, que não estão nem de um lado e nem de outro, mas – como diria Drexler (2017) –, em todos os lados um pouco. As dimensões maquínicas estão emaranhadas, devidamente fractalizadas.

Seguimos no sentido desses autores. Deixamos de lado o sujeito independente do mundo externo e as premissas de existirem espaços individualizados. Reconhecemos e

agarramo-nos a subjetividades que carregam consigo multiplicidades. Consideramos não só “aquela” pessoa, ou “aquela” praça, isoladas, ou seja, as subjetividades não carregam inatismos, essencialismos, não carregam nada por si próprias; as multiplicidades se dão nos encontros. De alguma forma, portanto, todos os corpos compartilham uma espécie de responsabilidade sobre a multiplicidade do(s) outro(s). As subjetividades são nômades. Assim, passamos a considerar uma mudança na lógica científicista, neutra, unívoca, homogeneizante – que polariza o sujeito para cá e o social para lá, e que acaba desresponsabilizando, que acaba “desimplicando” os processos de criação – para uma lógica das multiplicidades e das heterogeneidades rizomáticas², que, justamente, assumem os processos implicados de criação.

Partimos, então, a um paradigma não mais científico, mas, sim, estético (Neves da Silva, 2008): o edifício é também quem o construiu, onde está situado, quem o habita, quem o observa, em que época foi pensado, em que época é pensado. Assim, o edifício, agora, é uma composição de encontros em permanentes e incessantes movimento e transformação. Dessa forma, quando começamos a considerar tais aspectos, estamos permitindo, a nós, uma apreensão das formações do desejo no campo social, e, com isso, a realização de um dos movimentos vitais do desejo: a passagem dos afetos (Rolnik, 2016). A passagem dos afetos abre possibilidade para a multiplicidade. E como isso acontece? Há algo que vai contra, que recusa esses movimentos? Nesse momento da nossa reflexão, parece importante falarmos mais atentamente sobre um agenciamento maquínico que, segundo a proposta de Guattari (1992), se sobrepõe aos demais: falemos, então, da máquina capitalística.

4. A MÁQUINA CAPITALÍSTICA

A máquina capitalística projeta-se tanto na realidade do mundo quanto na realidade psíquica (Guattari, Rolnik, 1986, pág. 42). O que queremos indicar com essa afirmação? Que a máquina capitalística se engendra nos sentimentos, nas condutas, nos

² Deleuze e Guattari (1980) trazem o rizoma, conceito fundado na botânica, para propor um modelo de entendimento dos fenômenos. Na botânica, o rizoma é a extensão de um caule que une – e se une – a outros brotos, constituindo um crescimento horizontal subterrâneo. Em um modelo de realização rizomático, cada fenômeno pode ser explicado em relação a todos os outros, em contrário a uma relação pivotante, modelo que se baseia na relação entre a árvore e sua raiz, de forma hierárquica. O que importa no rizoma não é a hierarquia ou a “origem” de cada coisa. O que seria analisador para entendermos cada fenômeno seriam as multiplicidades emergentes em cada uma delas, tirando o palanque do “ser” das coisas, e as entendendo como em conjunção (e...e...e...) incessante umas com as outras, e com as que virão.

gestos, nas falas e, como já apontamos, se engendra também materialmente nas construções, nas cidades, nos projetos, nas produções humanas e da natureza, ou seja, ela se engendra em tudo que é da ordem do desejo. Para isso, a máquina capitalística lança mão das mais diferentes formas de modelização subjetiva sobre todas as outras máquinas e fluxos – as máquinas do desejo. Dentre tantas formas de modelização subjetiva capitalística, podemos apontar o processo de individualização. Por individualização, cabe salientar: individualizar não é sinônimo de “estar sozinho”. Não à toa, Debord (1967) traz-nos a ideia de um *isolamento em conjunto*: os nossos grandes conjuntos habitacionais são capitalisticamente organizados com a finalidade de criar uma *pseudocoletividade*. Estamos juntos, mas individualizados.

Estamos falando, portanto, de uma produção de subjetividades capitalísticas que recusam os processos de singularização em detrimento dos processos de individualização. É aqui que evocamos novamente o exemplo do edifício. Para onde vai toda aquela heterogeneidade maquínica que o compõe? Ela é, de alguma forma, barrada, recusada pela máquina capitalística. Para essa máquina, existe uma busca pela captura das heterogeneidades, das diferenças, das singularidades, tornando, assim, o desejo estéril, previsível, homogêneo, desresponsabilizado com a criação e capturado pelo consumo. A liberdade está a favor do rentismo e da capacidade do capitalismo se reinventar. Para o sujeito, fica a dívida e a captura pelo consumo. O processo de individualização que a máquina capitalística agencia entra em conflito com o que apontamos por *encontros*; isso porque ela é, antes de tudo, produtora de desejo. A cena do edifício que trouxemos não é nada mais do que uma tentativa de apreender o desejo em sua potência criadora. Cabe lembrar: os territórios da psicologia, da arquitetura e do urbanismo são também engendrados pela máquina capitalística e a engendram, e, por isso mesmo, não estão “salvos” de funcionarem também como *agentes técnicos de separação* (Debord, 1967). Deixamos uma nova cena, proposta, dessa vez, por Debord (1967), para tentarmos ilustrar tal aspecto.

“A luta constante que teve de ser levada a cabo contra todos os aspectos desta possibilidade de encontro descobre no urbanismo o seu campo privilegiado. O esforço de todos os poderes estabelecidos desde as experiências da Revolução Francesa, para aperfeiçoar os meios de manter a ordem na rua, culmina finalmente na supressão da rua.” (Debord, 1967, pág. 132).

Temos, portanto, uma máquina capitalística contemporânea que engendra e agencia espaços para além de sua espacialidade física. Podemos entender que essas máquinas operam a níveis microfísicos – pensando na ideia de Foucault (1979), da Microfísica do Poder – e micropolíticos (Guattari, 1981, pág. 205). A micropolítica como uma dimensão que trata das questões que “envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva.” (Rolnik, 2016, pág. 11), e com o “poder em sua dimensão de técnicas de subjetivação” (Rolnik, 2016, pág. 70). Propomos um outro exemplo: um Plano Diretor de determinada cidade contém, mesmo sem assumir diretamente, em cada proposta, mudança, rearranjo de espaços na cidade, dimensões que falam de fenômenos “incaptáveis” ao nosso olho, que tenta mirar o material “dessubjetivado”. O material torna-se dessubjetivado à medida em que um Plano Diretor, por exemplo, afasta-se da sua responsabilidade ética-estética-política, tornando-se um plano que “é só um plano”, isolado. Será? A seguinte citação de Guattari parece aproximar-se dessa ideia.

“O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas funcionando como o “companheiro” anteriormente evocado, máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de esmagamento uniformizador quanto no de uma ressingularização liberadora da subjetividade individual e coletiva.” (Guattari, 1992, pág. 140).

O que permeia os espaços são fenômenos da ordem da micropolítica, da ordem do desejo. E não “micro” de pequeno, mas daquilo que somente conseguimos ir ao encontro se permitimos a passagem dos afetos que constituem essa malha social. Por exemplo, Ian Bentley, teórico do *urban design*, encara a complexidade do ambiente e dos corpos que ali se agenciam a partir da sua ideia de *ambiente responsivo* (Bentley et al., 1985). Com isso, o autor propõe um conjunto de ferramentas que constantemente necessitam modificar-se perante a implicação de cada novo passo do processo, com atenção à dimensão política e social em torno do projetista e do projeto (Bentley et al., 1985). Paralelamente, podemos pensar com a autora brasileira Geisa Bugs a participação pública no planejamento urbano (Bugs, 2014), expandido as possibilidades de transformação do lugar. Essas teorias, ao dedicarem atenção à micropolítica que permeia os processos de

criação, propõem, antes de tudo, uma mudança de paradigma na arquitetura e no urbanismo. Trata-se, então, de um movimento contrário ao da individualização e distanciamento do qual falamos: é permitir a passagem dos afetos; é sensibilizar-se (sem esquecer da autocrítica) das relações de poder que ali funcionam; é lançar-se a uma apreensão das dimensões onde o desejo e suas formações habitam. Como podemos relacionar esses aspectos ao conceito de resiliência? De qual resiliência estamos falando afinal?

5. REFLEXÕES ENTRE RESILIÊNCIAS

A ideia de resiliência parece ser muito ampla. Na física, por exemplo, resiliência é a “capacidade de um material para receber uma energia de deformação sem sofrê-la de modo permanente” (Taboada, Legal, Machado, 2006, pág. 105), sem mudar suas características. Esse conceito é, muitas vezes, utilizado pelas ciências humanas para determinar uma ideia próxima da utilizada pela física: resiliência como “a capacidade que alguns indivíduos apresentam de superar as adversidades da vida” (Taboada, Legal, Machado, 2006, pág. 105). Porém, será que também este conceito não está a serviço da máquina capitalística, quando tratamos de indivíduo, de adversidades, de superação,...? Ou na medida em que tratamos de uma expectativa utópica de “manutenção” de determinadas características diante de situações consideradas adversas? Será possível não “deformar-se”?

Para Foucault (1978), é através de um estabelecimento mínimo de percepção, de previsão, que se modificam elementos dos sujeitos em função de objetivos determinados. Nesse sentido, podemos trazer uma (nem tão) nova questão: a psicologia encontra-se atuando frequentemente através do estabelecimento de padrões de referência e de classificações, predeterminando, assim, as “inadequações” de existência. Contudo, esses padrões parecem deixar de fazer sentido quando falamos em *singularidade*, quando falamos de algo que não cabe e não se encaixa nos quadros de referência. Quando falamos em indivíduo, com as suas predeterminações referenciais, parece que também falamos da subjetividade capitalística atuando no caminho dos processos de individualização, de “dessingularização”, de modelização; talvez novamente na tentativa de sintetização, de controle, de previsão dos desejos, que, por sua vez, dizem respeito à diferença, ao devir, ao descontrole, ao imprevisível. Sobre essa questão, citamos Guattari:

“A subjetividade capitalística, tal como é engendrada por operadores de qualquer natureza ou tamanho, está manufaturada de modo a premunir a existência contra toda intrusão de acontecimentos suscetíveis de atrapalhar e perturbar a opinião. Para esse tipo de subjetividade, toda singularidade deveria ou ser evitada, ou passar pelo crivo de aparelhos e quadros de referência especializados. Assim, a subjetividade capitalística se esforça por gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos [...]” (Guattari, 1989, p. 33).

O que podemos apontar, nesse momento da discussão, é que a própria conceituação de resiliência pode funcionar como estratégia de individualização da máquina capitalística quando não só espera que não haja “deformações”, mas, também, quando coloca o indivíduo como único responsável por superar situações de crise ou de adversidades; como único responsável por seus sucessos ou insucessos. Questionamos: como se dá a superação desse indivíduo? Dá-se no sentido de recuperar características anteriores? Se pensarmos na nossa lógica existencial fundamentada nas transformações, isso é – enfaticamente – *impossível*. Mas isso não significa que o que se “deformou” necessariamente prejudicará a identidade. Foucault (1978) lembra-nos que é a partir dos mecanismos de controle e previsão dos sujeitos que se estabelece uma demarcação entre os aptos e inaptos, normais e anormais, ou seja, institui-se um modelo em função de um determinado resultado, e considera-se normal aquele que se enquadra e se conforma com esse modelo. A ideia de resiliência citada anteriormente pode justamente funcionar como um modelo, como uma norma. Além disso, parece que a própria ideia do que consideramos como adverso, ou como sucesso ou insucesso, está também muito comprometida pela produção de desejo da máquina capitalística, e enquadrada em normatizações.

Chegamos a uma dimensão importante do conceito de resiliência, que é esse tempo a posteriori: o que é a recuperação depois de uma situação adversa? É dizer que o sujeito voltou ao seu estado normal? Ou seria dizer que apesar de tal crise, ele foi capaz de não se deformar, tal qual um metal resiliente, e, assim, manter-se enquadrado e estável dentro das normas de uma subjetividade capitalística? O que queremos apontar com esses questionamentos? Que nem o próprio conceito de resiliência está a salvo da homogeneização maquínica capitalística, e, como já enfatizamos, é impossível que algo não se deforme. A questão é se vamos reificar a resiliência como uma capacidade de adaptação ou recuperação diante de adversidades sem questionar o que estamos

entendendo por “adaptação” e “recuperação”, ou se desacomodaremos, se *deformaremos* o próprio conceito: pôr em crise seu uso, seu sujeito, sua implicação.

Queremos, com essa problematização, colocar a ideia de resiliência para além da lógica individualista, situando-a no mesmo patamar da ideia dos encontros, como propomos inicialmente. Queremos propor a resiliência pensada a partir de máquinas que se aproximam mais da ideia de criação, de deformação, de coletividade, capazes de se pôr em incessante transformação e ressingularização, frente e em contradição à máquina capitalística individualista. Como dissemos no início deste artigo, é a partir dos encontros que as nossas possibilidades de existência se complexificam e se ampliam, e não a partir da individualização. Estamos falando de não encarcerar o ato resiliente a *inputs* e *outputs* pré-determinados. É estar aberto, disposto e atento às resiliências outras. Com isso, somos imediatamente tomados pela intensa implicação ética, estética e política de nossas ações. Os territórios da arquitetura, do urbanismo e da psicologia (podendo estender infinitamente esta lista) esboçam-se, portanto, como territórios implicados e passíveis de criação de possibilidades, passíveis de *resiliências* diante daquilo que, tantas vezes, nos convoca à processos de desresponsabilização, de individualização.

Nosso caminho é, ademais, de afirmar a deformidade como um novo modo de subjetivação. O encontro deforma, e, se o encontro aconteceu, há, dele, uma memória. A deformidade é uma espécie de memória da resiliência. Embasados em uma filosofia da diferença, temos mais interesse em “como tal corpo resiliente se deformou, e como se deu essa deformidade?” do que em “como tal corpo resiliente voltou ao seu normal?”. É a memória, o caminho, o processo, a cartografia da deformidade, que sulcou o corpo – ainda que, depois, ele tenha voltado às suas características “normais”. Ou seja, na sala de aula, o aluno segue aluno e o professor segue professor após a aula, mas foram transformados, deformados pelo encontro. O caminhante na calçada em direção ao trabalho segue um caminhante, mas o encontro com a calçada transformou-o de alguma forma. Criou-se uma memória resiliente em um corpo marcado pelo encontro, por entre o desejo e suas dimensões transversalizadas.

Se as resiliências criativas – com suas memórias de deformação que se reinventam a partir desses territórios – estão a serviço dos encontros, passamos a questionar os muros, os prédios, os condomínios, as cercas, as demarcações, os carros, toda essa micropolítica que não só busca inviabilizar os encontros, mas, também, indicar um perigo nos encontros. Nesse sentido, é preciso estar atento à pichação do muro, aos esconderijos dos

prédios, às transgressões das regras do condomínio, à subversão que o carro faz. Passamos a afetar-nos por aquilo que os “desencontros” buscam impedir de afetar. Damos passagem a encontros subversivos, deformados, e que também produzem memória na resiliência. A que servem esses questionamentos? Justamente para pensarmos na criação, na deformação. E, se sugerimos uma forma de encarar a subjetividade para além do sujeito – as máquinas que nos habitam –, podemos, finalmente, falar de arquiteturas resilientes, de urbanismos resilientes, de psicologias resilientes, com suas memórias de deformidade. Façamos de tal modo, desde que esse ato resiliente seja acompanhado de uma perspectiva responsabilizada com a criação, com a subversão, com a deformação, implicada e crítica sobre aquilo que cria. Sobre essa questão, citamos novamente Guattari (1992, pág. 123):

“O novo paradigma estético tem implicações ético-políticas porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e aqui, mais uma vez, em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas.” (Guattari, 1992, pág. 123)

Em francês, a palavra “projeto” é homófona de “intenção” (dessin e dessein, respectivamente). Dessa forma, podemos questionar: quais intenções estão por trás dos nossos projetos? Que micropolítica inevitavelmente acompanha nossas intenções? Se é no encontro que se dão as possibilidades de existência, parece importante que os nossos processos projetuais estejam, portanto, criticamente atentos aos encontros que promovem, se é que promovem. Estamos falando, por exemplo, da importância de que um corpo-projeto permita se deformar pelos afetos, que permita espaços de deformação aos outros corpos que ali, de alguma forma, podem se agenciar.

Escrevemos este artigo em plena pandemia, com o número de infectados no Brasil rumando ao milhão. Weizman (2020) diz que grande parte da história da arquitetura se deu por tentativas de controle de contaminações através de codificações raciais, manipulando formações do tempo-espço, a fim de permitir ou não determinados encontros por determinados corpos. Ou seja, as pandemias e epidemias atingem-nos como acontecimentos históricos importantíssimos na formação da memória resiliente dos corpos. Com a máquina capitalística operando e agenciando esferas macro e micropolíticas incessantemente, dedicamos esta leitura a uma reflexão sobre os encontros e suas complexidades. Enquanto arquitetura, urbanismo, psicologia, filosofia, e quem mais quiser entrar nesta lista, perguntamos: que tipos de encontros estamos propondo, e

com que tipos de corpos resilientes estamos nos relacionando? Relacionamo-nos com corpos resilientes segundo modelos predeterminados, normatizados, ou assumimos nossos corpos resilientes criados e criadores e, até mesmo, subversivos e deformadores?

REFERÊNCIAS

- BENTLEY, I.; ALCOCK, A.; MURRAIN, P.; MCGLYNN, S.; SMITH, G. **Responsive environments: a manual for designers**. Oxford: Butterworth-Heinemann, Ltd., 1985.
- BUGS, G. **Tecnologias da Informação e Comunicação, Sistemas de Informação Geográfica e a Participação Pública no Planejamento Urbano**. Porto Alegre, 2014. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. Data de publicação: 1967.
- DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. & Guattari, F. **O anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G. & Guattari, F. **Mil Platôs vol. 1**. São Paulo: Editora34, 1980.
- DREXLER, J. **Movimiento**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=llGRyRf7nH4>> Acesso em: 04 mai. 2020.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GUATTARI, F. e Rolnik, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUATTARI, F. **Caosmose – um novo paradigma estético**. 2ª edição. São Paulo: Editora34, 2012.
- LAPLANCHE, J. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- MAURICIO, E.; MANGUEIRA, M. Imagens do pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 291-304, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 outubro 2020.
- ROCHA, E. **Arquiteturas do abandono** (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte). Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2016.

SANCHES, A. **Máquinas, corpo sem órgãos e pulsões**: um diálogo entre o Anti-Édipo de Deleuze e Guattari e a metapsicologia freudiana. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SILVA, R. N. Ética e paradigmas: desafios da psicologia social contemporânea. In: PLONER, K.S., et al., org. **Ética e paradigmas na psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 39-45.

TABOADA, N. G.; LEGAL, E. J.; MACHADO, N. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 maio 2020.

WEIZMAN, E. Vigiar o passado e o futuro através do vírus. In: **N-1 edições**. 055. ed. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/055>. Acesso em: 5 jun. 2020.